

# A CONSTITUIÇÃO DA ADOLESCÊNCIA FRENTE ÀS ALTERAÇÕES HISTÓRICO- CULTURAIS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Charlize Naiana Griebler<sup>1</sup>

Márcia Doralina Alves<sup>2</sup>

Renata Amélia Roos<sup>3</sup>

SETREM<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo suscitar uma visão histórica e cultural da adolescência, problematizando este período e verificando porque as relações na família e na escola ficam mais complexas e por vezes conturbadas neste período. Baseia-se em pesquisa bibliográfica e procura teorizar os processos pelos quais a família perpassou nos últimos séculos, desde sua configuração, o casamento, as relações hierárquicas dentro da estrutura, até a forma com que as crianças eram interpretadas dentro da célula familiar do momento. Apresenta o surgimento da infância e então como consequência a adolescência que emerge apenas no século passado, como consequência do prolongamento da infância. O artigo enfoca a cultura e o processo de socialização e desta forma apresenta a implicância de instituições como a família e a escola na constituição deste sujeito. A partir do momento em que a família se privatiza, a escola surge como responsável pela inserção do sujeito no mundo adulto. O artigo aborda principalmente os cruzamentos da cultura e do processo histórico na constituição da adolescência e se questiona sobre a forma com que se dá vazão e importância a este momento, apresentando algumas demandas dos adolescentes que a família e a escola podem melhor interpretar.

**PALAVRAS CHAVE:** Adolescência, família, escola, sociedade.

## ABSTRACT

*This article aims to generate a cultural and a historical adolescence overview, problematizing this period and check why the links in the family and at school are more complex and sometimes troubled in this period. It is based*

*on literature search and theorizes the processes by which family crosses in the last centuries, since its configuration, marriage, hierarchical relations in a structure, by the way the children were interpreted into the family unit at the time. It presents the childhood originate and then as a consequence the adolescence, which emerges only in the last century, as a result of an extended childhood. The article focuses the culture and the socialization process and so presents the implications of institutions such as family and school in the formation of this person. From the moment that the family privatizes the school is responsible for the person's insertion in the adult world. The article mainly deals the intersections of culture and historical process in the adolescence formation and it questioned about the way that flow and importance to this moment is given, presenting some of the adolescents demands that the family and the school can best interpret.*

**Keywords:** Adolescence, family, school, society.

## INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser estudada por diversos aspectos, entre eles, biológico, psicológico e sociológico. O enfoque dado neste artigo se refere ao processo histórico-cultural; desta forma com uma tendência principal no social, abordando também aspectos relevantes à questão psicológica que envolve este sujeito.

Em evidência nos últimos anos, a adolescência vem sendo compreendida hoje na cultura como período logo após, ou até mesmo antes da puberdade, sendo possível observar mudanças de postura e identificação, além das alterações biológicas que seguem paralelamente no indivíduo.

<sup>1</sup> Técnica em Informática, acadêmica de Psicologia, 4º semestre, e-mail: charlizeg@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Psicóloga, docente titular da disciplina de Psicologia Educacional, e-mail: marciapsico@terra.com.br

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia Social, Psicóloga, docente titular da disciplina de Psicologia Social, e-mail: renataroos@gmail.com

<sup>4</sup> Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM, Av. Santa Rosa, 2504, Três de Maio – RS, e-mail: setrem@setrem.com.br

Desta forma, muitas questões precisam estar em evidência para que seja possível a compreensão da adolescência, tendo em vista as mudanças ocorridas na estrutura da família, o surgimento histórico da infância e como consequência a adolescência e os reflexos destas mudanças nas relações. Não somente a família se altera, mas os membros desta e a própria escola que se apresenta como continuidade da família no processo de socialização e precisa se adaptar a estes novos estudantes.

A família e a escola são as instituições mais importantes na socialização dos sujeitos sendo que é nesses espaços que na maioria das vezes acontecem os conflitos e as dúvidas em relação a este período. Assim, este artigo surge no intuito de fazer um apanhado histórico das transformações sociais e apresenta algumas teorias a cerca da adolescência questionando-se sobre este período e repensando sobre o papel da família e da escola com os adolescentes.

## DESENVOLVIMENTO

### As diversas faces da constituição da adolescência no processo cultural

É importante lembrar que puberdade e adolescência estão diretamente relacionadas, mas são dois momentos, dois fenômenos distintos. A puberdade envolve mudanças físicas inevitáveis e a adolescência se refere a questões psicológicas e sociais.

Ao buscar alguns pensadores sobre o assunto, pode-se evidenciar a questão histórica e cultural envolvida na constituição da adolescência, já que muitos autores defendem a desmistificação e um aprofundamento deste tema, levando em consideração diversos aspectos; dentre eles, o da socialização, que se refere aos valores e padrões próprios da sociedade.

Segundo Frederick Elkin, 1968: "Podemos definir socialização como o processo pelo qual alguém aprende os modos de uma determinada sociedade ou grupo social a fim de que possa funcionar dentro dele."

Hoje o processo de socialização do sujeito, em nossa sociedade perpassa algumas fases, nascimento, infância, pré-adolescência, adolescência, adultez e velhice; porém, essas etapas não são universais, são de nossa cultura, sendo que é possível observar outras fases, em outras civilizações.

Em algumas sociedades consideradas mais simples, essa etapa do ciclo evolutivo (a adolescência) pode ser breve, enquanto que em sociedades evidenciadas como tecnologicamente mais desenvolvidas a adolescência tende a se prolongar

(TRAVERSO-YÉPES & PINHEIRO, 2002 apud BOCK, et al., 1999).

Segundo Bock, et al, 1999: "uma sociedade evoluída tecnicamente, isto é, industrializada, exige um período para que o jovem adquira os conhecimentos necessários para dela participar". Esse período de preparação onde ele não é mais criança e ainda não é aceito como apto ao mundo adulto é chamado de adolescência em nossa sociedade atual.

Conforme estudo do etnólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942) citando no livro *Psicologias*, na cultura dos nativos trobriandeses que vivem em ilhas do noroeste da Nova Guiné na Oceania é possível encontrar uma organização diferenciada da encontrada em sociedades mais complexas.

No caso dos jovens trobriandeses, a puberdade começa antes que na nossa sociedade, mas, nessa fase, as meninas e os meninos trobriandeses já iniciaram sua atividade sexual. Não há, como em outras culturas primitivas, um determinado rito de passagem para a fase adulta.

Apenas, gradualmente, o rapaz vai participando cada vez mais das atividades econômicas da tribo e até o final de sua puberdade será um membro pleno da tribo, pronto para casar-se, cumprir as obrigações e desfrutar dos privilégios de um adulto.

Essa fase descrita pelo etnólogo se é possível estabelecer um paralelo, estaria para a nossa sociedade, em termos etários, definida como pré-adolescente. Entretanto, no nosso caso, as relações sexuais vêm bem depois dessa fase. (BOCK, et al., 1999)

A partir deste exemplo podemos pensar que a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano. Ela é uma fase do desenvolvimento do jovem na nossa sociedade, que por sinal tem períodos diferentes em diferentes organizações sociais. A adolescência pode ser então considerada como um rito de passagem, uma espécie de preparação que a sociedade exige destes jovens e um período de aprendizagem de certas habilidades necessárias para exercer determinadas funções e a aquisição de valores sociais.

Uma vez transmitidos os valores culturais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência. (CALLIGARIS, 2008)

A adolescência se constitui como um fenômeno biopsicossocial que sofre influência direta da sociedade e que surgiu apenas no final do século passado. É o período de experimentação das regras, de descoberta dos próprios

limites, onde surgem questionamentos acerca dos valores vigentes, das normas familiares e eles são instigados a buscar autonomia e independência.

Não há um rito único em nossa sociedade que marque a passagem para a fase adulta, como observado na cultura trobriandesa e, para entender este processo, é importante fazer uma retrospectiva na história da família e em como se constituiu a adolescência na nossa sociedade.

## **Concepção de adolescência no contexto histórico de transformação da família**

Quando uma criança nasce, existe toda uma organização coletiva e a sociedade transmite a ela esta cultura. Assim, sua participação se dará de acordo com as normas e valores vigentes ou, pelo menos, é isso que se espera.

A família corresponde a um grupo social que desde os tempos antigos já se configura e que representa influência na vida das pessoas. Sua organização se modifica de acordo com o contexto, sendo ela o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, atuando como mediadora das relações sociais e influente nas questões emocionais dos indivíduos.

Segundo Frederick Elkin, 1968: "(...) para a criança, a família ainda permanece o agente de socialização mais importante."

Levando em consideração este parâmetro, podemos pensar que hoje as crianças nascem e a família é a principal transmissora destas regras e valores sociais, porém é necessário fazer uma retrospectiva na própria história da família para compreender que o lugar da criança na família já sofreu diversas variações. A estrutura da família está diretamente ligada com o momento histórico social, como podemos observar na família aristocrática do século XVI ao XVII, onde os casamentos tinham papéis políticos, pois os patrimônios precisavam ser preservados e não havia interesse privado, apenas social. A criação dos filhos não era função materna, eles eram amamentados por amas de leite e logo em seguida já faziam parte da vida comum dos adultos. Desta forma, podemos pensar em uma nova estrutura de infância e de passagem direta para a vida adulta, não sendo possível encontrar a adolescência presente.

As crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens

ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. (ARIÉS, 2006)

No contexto da família camponesa o casamento era da ordem social e envolvia a aldeia inteira com rituais. As pessoas se dedicavam para ser reconhecidas por todos da aldeia e não apenas pelos pais e pela família. A função paterna era exercida pela comunidade e a mãe atuava pouco na criação dos filhos, já que dividia com outras mulheres da comunidade (tias, avós, vizinhas).

A família proletária, do início do século XIX, começa a viver uma nova organização familiar na era da industrialização. As próprias crianças acompanhavam a partir dos 10 anos de idade os pais nas jornadas de trabalho, sendo as questões sanitárias precárias e as taxas de mortalidade infantil evidenciadas. As crianças eram criadas de forma informal, sem atenção especial dos pais. Elas viviam com os adultos ou soltas pelas ruas.

A partir da metade do século XIX surge uma maior preocupação com a qualidade do trabalho e acontece então a distinção dos papéis sexuais no trabalho. Assim, o homem atua na fábrica e as mulheres ficam em casa com os filhos. Já no século XX, a família operária se muda para os subúrbios e rompe os vínculos com as comunidades e as mulheres ficam isoladas no lar e os homens valorizam mais a privacidade e a domesticidade. Neste momento, a educação e o futuro dos filhos passam a ser função da família, o que não tinha acontecido até aqui.

A família burguesa que não se distinguia muito da proletária neste momento, fechava-se em torno de si mesma. Para o burguês, o trabalho era o local de ser racional e o lar era o local do afeto, da emoção. O homem era o provedor do lar e a mulher a responsável pelos afazeres domésticos e pela educação dos filhos, sendo ela a única culpada caso algo saísse do planejado (educar para ser autônomo, autodisciplinado e com capacidade de se dar bem nos negócios). O aleitamento materno foi valorizado e a relação emocional entre mãe e bebê começa a aumentar. Neste momento, surgem traços fortes de prolongamento da infância.

Enquanto a criança aristocrata, a camponesa ou mesmo a operária se defrontam com uma ampla gama de possibilidades de identificação, a criança burguesa tinha apenas as figuras parentais, ou acabava tendo na realidade apenas um objeto de identificação – o progenitor do mesmo sexo – em virtude da rigorosa divisão de papéis sexuais que presidia sua vida familiar. (REIS, 2001)

Do início do século XX até meados dos anos 60, houve o predomínio do modelo de família denominado "família tradicional" onde os homens e as mulheres exerciam os papéis atribuídos.

A partir da segunda metade do século XX, a família passa por um processo de intensas transformações econômicas, sociais e trabalhistas (participação da mulher no mercado de trabalho, aumento dos divórcios, diminuição da mortalidade infantil, transformações de comportamentos e a alteração na dinâmica dos papéis e de gênero).

Surge então um novo modelo de família, a “família igualitária”, onde homens e mulheres têm acesso formalmente ao mercado de trabalho e a divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos se divide. Acontecem também modificações nas relações entre pais e filhos, não sendo mais baseado na imposição da autoridade e sim em um relacionamento aberto, pelo diálogo.

A família continua passando por diversas modificações (monoparentais, reconstituídas, homossexual), contudo, ainda mantém o papel específico de instituição reconhecida e altamente valorizada.

Neste contexto então é que encontramos a adolescência concretizada socialmente como uma fase do desenvolvimento social. Se a sociedade tem esta certeza, isto é afirmado constantemente, transformando em comportamento.

Uma criança aprende as expectativas de sua posição de idade primordialmente pelo comportamento de outras pessoas, que distinguem entre as expectativas do presente, as do passado e do futuro. Frases tais como “você já é um menino grande”, “você está velho demais para chorar” (...) – sugerem que uma criança é considerada conhecedora das expectativas e presumida a agir de acordo. (ELKIN, 1968)

Justifica-se, então, o que foi apresentado anteriormente, de que a adolescência só surgiu no final do século passado e que a modificação social da família e da economia foram uma das grandes responsáveis pelo seu surgimento.

A família possui um papel fundamental no desenvolvimento biopsicossocial de seus membros e é através dela que o indivíduo elabora sua identidade e subjetividade, adquirindo valores, crenças e idéias para atuar socialmente. As normas e os valores passados pela família permanecem por toda a vida, porém não bastam quando esta perde a ligação direta e a criança vai para a escola.

### **A escola na função de socializar e preparar o indivíduo**

Com a exclusão das crianças do universo adulto e da família, a função de integrá-las novamente a este mundo

(adulto) ficou com a escola, que se justifica na função de socializar e promover a adaptação desta.

Assim como o núcleo familiar, a escola também é organizada com regras, valores, direitos e obrigações e tem como função socializar o conhecimento e logo integrar os jovens à sociedade, com conhecimento básico e técnico mínimo. A escola é repetidora da construção de socialização já iniciada pela família e pela comunidade e não apresenta idéias extremamente divergentes. Ela reforça e amplia algumas questões morais como a ordem e a disciplina.

Na escola a criança vive um processo de internalização diferente, com novos conteúdos, novos padrões de comportamento e valores. Segundo Della Torre, 1974: “No homem, a educação cria um ser novo - o ser social, dando-lhe qualidades morais, intelectuais e físicas. O homem só se torna humano em sociedade. Se assim não fosse, seria animal”.

O processo de socialização das escolas, em sua grande maioria, apresenta os padrões de socialização característicos de uma educação capitalista, com padrões já impostos e apresentando-os como dominantes e únicos.

É comum observar o aparecimento da abordagem do tema autoridade e controle da sala de aula no processo pedagógico; temas esses, caracterizadores da normatização prescrita pela escola sobre os estudantes. Segundo Della Torre, 1974: “Define-se a autoridade como direito de mandar e de ser obedecido, mas autoridade pode referir-se não só a poder de mando como também à pessoa que detém tal prerrogativa”.

Este talvez seja o ponto primordial para ser discutido quando pensamos a constituição da infância, a função da família neste contexto, a função exercida pela escola sobre as crianças e, enfim, o adolescente que se sente sem poder algum.

A escola, quando se apresenta como normatizadora, impositora de regras e detendo verdades, não satisfaz a demanda do adolescente. Segundo Rogoff, 2005: “Vários autores já sugeriram que a desarmonia na adolescência é resultado da segregação que os jovens sofrem dos papéis produtivos da sociedade que eles estão prontos para cumprir”.

Quando o adolescente, então constituído neste contexto social, começa a reconhecer sua própria personalidade, que segundo Jean Piaget, 2001: “começa no fim da infância (8 a 12 anos) com a organização das regras, dos valores e a afirmação da vontade, com a regularização e hierarquização moral das tendências”, ele começa ao mesmo tempo a se dar conta de que os interesses públicos e sociais não são mais os mesmos que os seus em determinados momentos e os questionamentos acontecem.



Cada cultura tem uma forma de interpretar esta indagação de acordo com suas características e época; o que podemos observar na cultura oriental do século XXI é os adultos primando pela autonomia e a independência do adolescente e, ao mesmo tempo, passando posições conformistas e regradas a respeito das coisas, privando por sua melhor adaptação e socialização; porém, o adolescente entende isso como contradição. Querem que ele seja autônomo, assuma sua independência, mas querem que ele obedeça e aceite as coisas como são, e isso é incoerente. Assim, para provar que é capaz de tomar as rédeas da própria vida, será necessário sair do conformismo e desobedecer.

Assim, na escola e na família começam a aparecer situações conflitantes, já que até o momento, o filho, estudante e ainda criança aceitava com tranquilidade as “regras do jogo” e não precisava transgredir as normas para apresentar o que pensava a respeito. Quando ele começa a se dar conta do seu universo e a construir sua identidade as contradições acontecem, já que este não se sente autor de sua própria personalidade.

Segundo Bee, 1994: “os adolescentes que desistem da escola relacionam várias razões para tal decisão, o que inclui o não gostar da escola, notas baixas, suspensões ou necessidade de encontrar trabalho para sustentar a família”.

A autora Silvia Lane traz com clareza em seu livro *Psicologia Social, o homem em movimento*, este entrelaçado jogo de identidade.

Quando nossa unidade é percebida como ameaçada, quando corremos o risco de não saber quem somos, quando nos sentimos desagregando, temos maus pressentimentos, temos o pressentimento de que vamos enlouquecer; aprendemos a ter horror de sermos “outro” (...). (LANE, 2001)

O adolescente perdeu sua graciosidade infantil, que lhe garantia o olhar diferenciado e a proteção para, aos poucos, se ver em um novo corpo, com uma nova voz, com pelos e algumas partes mais salientes e olha para seus iguais, os adultos, e eles não o acolhem como membro, dizem-lhe então que ele é quase um adulto, que precisa se comportar como tal e que logo (muitas vezes quase 10 anos) terá muitos compromissos e poderá desfrutar das regalias de ser adulto.

A escola não lhe estimula o senso crítico ou compreende suas reflexões, o mundo vivido pela escola parece outro em relação à nova descoberta de possibilidades deste mundo dos adolescentes.

Ele não é mais criança e ainda não é adulto, ele se sente vazio, e isso pode ser facilmente compreendido

quando observamos o grande número de adolescentes com baixa-estima, depressão e com tentativas de suicídio.

Segundo o Relatório Mundial da Saúde Mental, 2002: “o suicídio é uma das principais causas de morte de jovens adultos. Situa-se entre as três maiores causas de morte na população de 15-34 anos”. Não podemos esquecer, também, que muitos casos de tentativas de suicídios não são consumados e a informação não é registrada, a própria Organização Mundial da Saúde estima que os números de tentativas de suicídio devam ser aproximadamente 20 vezes maiores que os dados conhecidos.

O adolescente se sente suspenso, aguardando a aceitação na nova “tribo”. Mas essa espera não é inerte, ele se questiona por quanto tempo? O que eles querem de mim? O que estaria lhe faltando? O que ele poderia então fazer para que fosse visto de maneira diferente?

### **Como estruturar a nova família para o novo adolescente**

Se a participação que o adolescente tem hoje na família é de difícil organização, é possível de se pensar em uma nova concepção de outorgar direitos a ele, sem que seja necessariamente deixá-lo em suspensão por um período tão longo, até que se sinta preparado ao mundo adulto. Não é uma tarefa fácil, mas permitir que o adolescente se identifique mais com a família que com o grupo de pares é uma tarefa que cabe à família.

Nesse momento evolutivo, não será apenas o jovem, o indivíduo adolescente, que passará por transformações estruturais. A família também deverá alterar sua estrutura e seus padrões de relacionamento entre membros, modificar os papéis em sua intimidade, a fim de acolher as exigências evolutivas do momento. (EIZIRIK, et al, 2001)

Estar por dentro da atualidade dos adolescentes, dos conflitos, do social, da cultura do momento vai com certeza ajudar a manter o contato. Adultos devem procurar ter o mesmo nível de linguagem, sem se colocar em um patamar mais elevado por ser adulto e esta posição é muito comum na astúcia de dominar a situação que é tão desejada pelos adultos.

Segundo Eizirik, et al, 2001: “As famílias que não tiverem a maleabilidade de se adaptar a esta nova configuração familiar e forma de relacionamento com os filhos, estarão fadadas a conflitos tormentosos nesse momento da vida”.

Os jovens não são crianças, mas também não são adultos. É normal oscilar entre uma fase ou outra do desenvolvimento. Assim, os pais cobram atitudes de responsabilidade, de adultos, mas também os acham

crianças para outros padrões de comportamento. É uma etapa de buscar informações e podem sofrer por não as terem.

“independente das circunstâncias econômicas da família ou do grupo racial, os adolescentes saem-se melhor na escola se seus pais estabelecerem padrões claros, tiverem expectativas de que a criança se saia bem, forem carinhosos e apoiadores e tiverem linhas abertas de comunicação com o adolescente” (BEE, 1994)

Segundo dados dos UNICEF, 2009, sobre os adolescentes: “95% consideram a família como a instituição mais importante da sociedade e estar com a família faz com que 70% deles sintam-se felizes.” Esta é a questão fundamental, apesar dos tropeços comuns, é na família que eles se aconchegam e se sentem seguros e ela é o pilar de suas escolhas.

### **É possível pensar em uma escola adaptada a realidade dos adolescentes**

A escola pode trabalhar no sentido de conhecer mais cada adolescente, os seus pontos fortes e as suas fraquezas, para melhor compreendê-lo e também auxiliá-lo a aceitar a si e aos outros dentro deste universo de limites e possibilidades de cada sujeito.

Outro trabalho interessante que pode passar pelo universo da sala de aula é a de ajudá-lo a esclarecer o que é a autêntica liberdade, distinguindo-a da libertinagem, promovendo atividades (esportes, eventos artísticos e culturais) para fomentar a flexibilidade nas relações sociais.

Desenvolver a consciência social, uma visão clara contra o racismo, contra o autoritarismo, pelos direitos humanos, educar para que cada um encontre seu lugar no mundo, uma educação pelo contra-discurso, transformando certezas em perguntas seria um caminho significativo.

O teórico Lawrence J. Kohlberg, que tratou de estudar sobre questões de ordem moral e ética, avaliou se as crianças ou jovens poderiam ou não aprender estágios superiores de raciocínio moral e, em caso positivo, se tal mudança no raciocínio moral mudaria seu comportamento na escola.

“pelo menos mediante certas condições a exposições de jovens a discussões morais que estejam uma etapa acima de seu próprio nível de raciocínio pode conduzir a um aumento em seu próprio nível de juízo moral”. (TURIEL, 1966, apud BEE, 1994)

Assim, também Kohlberg sugeria a criação de aulas especiais para discussão, para estimular cuidados e o importar-se com o outro, a empatia, e serviço voluntário.

Desta forma, o estímulo à participação em grêmios estudantis, representações sociais, clubes de serviço juvenil (Leo Clube, Rotarct Clube, Interact Clube, Lions Clube, por exemplo) é uma das formas de pensarmos estes adolescentes inseridos num contexto de compreensão e de luta por questões importantes.

A criatividade e o ímpeto de inovação dos adolescentes deve ser mais bem compreendido e apoiado para repensar diversos aspectos sociais, educacionais, políticos e culturais, engajando-os na luta pela melhoria destes sistemas. É preciso aceitar o que José Outeiral, 1994 já dizia: “O novo corpo é habitado por uma nova mente”.

A relação na escola deve ser de cooperação, de troca, proporcionando crescimento tanto para os estudantes quanto para a própria escola. O adolescente precisa aderir a uma causa que promova nele noções de sociedade, de comunidade, identificando-se com um grupo de pares que promova nele crescimento ético e lhe proporcione o sentimento de fazer parte de algo. O adolescente só é “rebelde sem causa” porque não lhe ofertamos causas.

Segundo ROGOFF, 2003: “Uma postura frequentemente recomendada é que os professores suavizem suas ordens aos alunos ou as ocultem, com vistas a criar um ambiente mais igualitário.”

O professor pode ser ao adolescente uma fonte riquíssima de informação e não apenas a informação que diz respeito à disciplina ministrada, com conteúdos na maioria das vezes fechados. O professor pode instigar o adolescente, desafiá-lo a participar, provocar esta sua posição de rebeldia chamando-o a fazer (ação).

Ainda, segundo ROGOFF, 2003: “Nestes ambientes, provocar proporciona uma forma indireta de expressar crítica, trazida em um discurso amenizado pelo humor e que não exige uma resposta séria”.

Adolescentes totalizam 21,1 milhões - ou 12,5% da população brasileira. A maioria tem confiança no futuro e deposita nos estudos a esperança de realização de seus sonhos. Em média têm um bom relacionamento com os professores e realmente acreditam na importância dos estudos, mas deixam um aviso: as aulas ajudam pouco a entender o mundo e o país onde vivem.” (UNICEF, 2009)

O adolescente deposita seus sonhos na educação, ele acredita na instituição escola e esta questão é fundamental para pensar o que a educação espera deles. Educar para a vida, para a sociedade, para a visão holística das coisas não é tarefa fácil, pode até parecer utópico, mas não podemos viver a mercê de apresentar a rebeldia

da adolescência como fator limitador. Esta ânsia deve ser transformada em pensamento crítico e em ação. É isso que o adolescente quer, é isso que a sociedade quer e a educação é transformadora e fonte de grande potência.

## CONCLUSÃO

As relações das instituições, família e escola, com essa geração tão cheia de energia e com ânsias de mudanças, necessitam de cuidados e de atenção. É necessário investir nos adolescentes, permitindo que eles tenham espaços de expressões e direito de decidir. O processo de outorgar direitos a este público pode ser trabalhado pela escola e pela família pensando esses sujeitos em transformação e compreendendo que esta não acontece somente com eles, mas os processos de mudanças são constantes nas sociedades e nas instituições sociais.

A família não pode deixar as relações de afeto e companheirismo e da mesma forma precisa apontar os limites e os benefícios das escolhas dos adolescentes. Os laços precisam ser cultivados e um espírito de companheirismo e compreensão é um importante aliado da família, pois é no diálogo e nas trocas que as relações se fortificam e, com certeza, o adolescente sente que a família é seu aconchego e o local onde ele se sente protegido.

Da mesma forma a escola terá um retorno muito proveitoso quando olhar para os adolescentes e vê-los em potencialidade e como autores de suas próprias escolhas, permitindo que eles ajudem a pensar na escola que querem e se sintam parte desta, incentivando-os a participarem de forma ativa das decisões, podendo organizar seus sentimentos e refletir sobre isso de forma organizada e produtiva.

Com certeza a família e a escola são instituições muito importantes para a constituição destes sujeitos e dar conta de canalizar os sentimentos e os desejos deles permitiria um melhor relacionamento, produzindo assim ganhos e repensando alguns conceitos fechados que trazem a adolescência em via de regra como uma fase conturbada e rebelde. Os adolescentes são rebeldes quando não lhe oferecem formas de expressão e direitos de ação.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da família**; tradução de Dora Flaksman. Editora LTC, 2ª edição. Rio de Janeiro, 2006.

EE, Helen. **O ciclo Vital**. Artemed Editora. Porto Alegre, 1994.

BOCK, Ana M. Bahia, FURTADO Odair, TEIXEIRA Maria de

Lurdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. Editora: Saraiva Edição: 13. ed. ref. e ampl. São Paulo, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. Publifolha, São Paulo, 2000.

ELKIN, Frederick. **A criança e a sociedade. O processo de socialização**. Bloch Editores S. A., 1ª edição. Rio de Janeiro, 1968.

EIZIRIK, Cláudio Laks, KAPCZINSKI, Flávio. BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. **O Ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Editora Artmed. Porto Alegre, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia crítica**. Editora: EDIPUCRS, 46.ed. Porto Alegre, 1999.

LANE, Sílvia T. M. CODO, Wanderley (orgs) **Psicologia social: o homem em movimento**. Editora Brasiliense, 13ª edição. São Paulo, 2001.

MANDELBAUM, Belinda. **Psicanálise da Família**. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Relatório Mundial da Saúde**. Direção-Geral da Saúde, 2002.

OUTEIRAL José. **Adolescer — estudos sobre adolescência**. ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Editora Forense Universitária, 24ª edição. Rio de Janeiro, 2001.

RAGOFF, Barbara. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Artmed Editora. Porto Alegre, 2003

RAPPORT, Clara Regina. FIORI, Wagner Rocha. DAVIS, Cláudia. **Psicologia do Desenvolvimento**. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. Volume 4. São Paulo, 1982.

TORRE, Maria Benedita Lima. **O Homem e a sociedade**. Editora: Companhia Editora Nacional, 3ª edição. São Paulo, 1974.

UNICEF. **Relatório: Situação da Infância e da Adolescência Brasileira 2009 – O Direito de Aprender**. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br>>. Acesso em 25. de jun. de 2009.